

# Para que serve a oração? Para nutrir o desejo

Isidro Lamelas, OFM | 7 Set 2022

*Uma reflexão acerca das particularidades da oração cristã, a partir dos comentários que, acerca do “Pai Nosso”, eram feitos pelos teólogos dos primeiros séculos cristãos – os chamados Padres da Igreja. A Oração dos Cristãos – o Pai Nosso Comentado pelos Padres da Igreja, o novo livro de Isidro Lamelas, frade franciscano e professor na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, é uma proposta de renovação da experiência orante que nos transporta aos ritos de fundação dos Padres da Igreja para percebermos que “Jesus não ensinou quantas vezes ou quanto e quando, mas como se deve orar”. Tudo o que é muito usado tende a desgastar-se e os crentes de hoje revelam um manifesto cansaço relativamente às fórmulas antigas de oração, verifica o autor. A resposta a esta fadiga poderia passar pela “modernização” dessas formas tradicionais ou até pelo abandono das mesmas, substituindo-as por modelos novos e adaptados a cada tempo e lugar. Sem negar a necessidade de uma permanente atualização das linguagens e formas de experiência orante, não será menos proveitoso reaprender a orar, regressando às fontes e momentos fundantes dessa experiência.*

*Essa é a proposta do livro, que dá a palavra principal aos Padres da Igreja, ou seja, aos mestres da espiritualidade cristã que, ao longo dos primeiros séculos cristãos, rezaram, meditaram e comentaram o Pai Nosso, no qual viram um compêndio ou síntese do Evangelho e o protótipo de toda a oração. Os comentários patrísticos ao Pater evidenciam, por um lado, a particularidade da oração cristã; por outro mostram-nos que a “Oração do Senhor” dos cristãos é, ao mesmo tempo, o “compêndio” de todas as orações do Povo de Israel e um modelo inspirador para todo o homem e mulher orante.*

*Neste texto de apresentação escrito para o 7MARGENS a partir do conteúdo do livro, o autor explica o sentido da obra. A Oração Cristã terá uma apresentação pública no próximo sábado, 10, às 17h30, junto do pavilhão da Universidade Católica Editora na Feira do Livro de Lisboa.*

## Oração – A resposta a uma fadiga

Tanto a experiência comum do *homo religiosus*, como a multissecular vivência judaico-cristã, mostram-nos como a oração é um dos grandes patrimónios imateriais da humanidade.

Os nossos contemporâneos mostram, contudo, alguma fadiga e até aversão à simples palavra oração, preferindo substituir as tradicionais fórmulas de prece por variadas formas de meditação.

A resposta para esta fadiga poderá passar pela “modernização” das formas tradicionais de orar ou até pelo abandono das mesmas, substituindo-as por modelos novos e adaptados ao nosso tempo. Sem negar a necessidade de uma permanente atualização das linguagens e formas de experiência espiritual, pensamos não ser menos proveitoso reaprender a orar, regressando às raízes comuns do *homo orans*, e, no caso dos cristãos, retornar às fontes da experiência orante bíblico-cristã. Na primeira aceção vemos que é natural o Homem orar, assim como é da sua natureza sonhar e desejar; mas a revelação bíblica acrescenta que a oração é também uma marca do sobrenatural em nós, ao ensinar-nos que, como lembra S. Agostinho, foi o próprio Deus «que ensinou esse desejo».

Efetivamente, se é verdade que todos os povos e religiões desenvolveram a experiência orante, foi no seio do Judaísmo e Cristianismo que a oração encontrou maior e mais documentada expressão. E não será ousado dizer que a oração de Jesus, para além de recapitular e aperfeiçoar todas essas experiências espirituais humanas do passado, assinala o culminar de uma longa aprendizagem histórica, que coincide com uma progressiva aproximação do Homem a Deus.

## Orar e escutar

Em sintonia com a tradição judaica e bíblica, a primeira exigência colocada ao orante é a escuta. A fé comum de Israel e da Igreja nasce da escuta: *Escuta Israel* (Dt 6,4; cf. Rm 10,17) ou ainda: *Fala, Senhor, que o teu servo escuta!* (1Sm 3,9). Sabemos que, noutras religiões e piedades, a fórmula de prece decorria, tendencialmente, em termos inversos: *escuta, Senhor, que o teu servo fala?* Ora, na espiritualidade cristã, a oração começa por ouvir o Pai e o Filho: *Este é o meu Filho muito amado: escutai-o!* (Mc 9,7). Onde não há escuta, não há, portanto, verdadeira oração, a não ser como exercício meramente humano.

Cientes disso, os seguidores de Jesus sentiram a necessidade de pedir: *Senhor, ensina-nos a orar* (Lc 11,1). Ao que o Mestre respondeu, ensinando a orar não *com muitas palavras, como faziam os pagãos* (Mt 6,7), mas, em primeiro lugar, com a vida e atitude de total escuta e obediência ao Pai celeste. Jesus, que sempre orava, *ensinou-nos*, assim, que, na comunicação com Deus, o mais importante não é a quantidade, mas a qualidade das palavras, ou melhor, a atenção à Palavra.

Ao *ensinar* os seus discípulos a orar, o Mestre não quis acrescentar mais uma fórmula de piedade às muitas já conhecidas, mas propôs uma nova maneira de orar, o mesmo é dizer, um modo novo de relação com Deus e com os nossos semelhantes. A *Oração do Senhor* tornou-se, a partir de então, a oração de todos os que chamam a Deus *Pai Nosso* e desejam ardentemente que a Sua vontade se faça *na Terra como no Céu*. Deus passa, assim, a estar ao alcance de todos os que na terra anseiam, cada dia, por antecipar o céu.

O *Pai Nosso* é, ao mesmo tempo, o “compêndio” de todas as orações do Povo de Israel<sup>[1]</sup>, e a nova forma de orar que Jesus ensinou aos seus seguidores, no contexto do chamado “Sermão da Montanha” e na sequência das “Bem-aventuranças” (Mt 6,1-13). Nesse novo Sinai, o Deus de Abraão e de Moisés revela-se a todas as nações e povos como Pai de todos os que escutam e vivem as Bem-aventuranças.

## Para que serve a oração?

Do ponto de vista prático e utilitarista, a oração não serve para nada, como já reconhecia o grande Orígenes: “Há que ter presente as opiniões daqueles que pensam que nada se obtém pela oração e, por isso, sustentam que é inútil rezar” (*De Oratione*, 5,1).

A esta constatação acrescenta-se a comum objeção: “Que necessidade de dirigir uma oração a Deus que, antes que o façamos, já conhece aquilo de que precisamos?”, conforme nos garante o próprio Jesus: *O Pai celeste já conhece aquilo de que precisamos, antes que a ele peçamos* (Mt 6,8)” (*Ibid.* 5,2).

Nas palavras do citado mestre Alexandrino: “sem necessidade de que se lhe peça na oração, como pai Deus faz-se cargo dos seus filhos e não espera que eles lhe peçam, já que são inteiramente incapazes de fazê-lo, ou, por ignorância, pretendem por vezes obter coisas inúteis ou prejudiciais” (*Ibid.* 5,3).

Ainda bem, portanto, que Deus não atende todos os nossos pedidos. Na verdade, a primeira aprendizagem de quem pede é aprender a pedir. No caso de Deus Pai, não faz muito sentido pedir coisas ou que mude os acontecimentos, mas sim, que alimente em nós o desejo d'Ele e nos transforme interiormente no caminho do aperfeiçoamento espiritual.

## Amplificar o desejo

À pergunta “para que serve orar?”, os mestres da oração, inspirados em Jesus, responderam: “para alimentar o desejo”. A oração é, de facto, a ginástica do desejo. “Se és habitado pelo desejo de ver a face do Pai que está nos Céus – ensina Evágrio – não te deixes levar por nada deste mundo” (*Sobre a oração*, 114). No *Pai Nosso* exercita-se especialmente o desejo de Deus, ou, como explica S. Agostinho, exercitamos o desejo de plenitude e felicidade que habita todo o ser humano.

“O teu desejo é a tua oração, e se o teu desejo for continuado, contínua será a tua oração. Não foi por acaso que o Apóstolo disse: *Orai sem cessar* (1Ts 5,17)... há uma oração interior não interrompida que é o desejo. Faça o que fizeres, se desejares Deus, nunca interrompes a tua oração. Se não queres interromper a tua oração, não interrompas o teu desejo. O teu desejo continuado e a tua voz continuada” (*En. in Psal. 37,14*).

Face às perguntas prováveis do crente de todos os tempos: “para quê rezar?”; “porquê manifestar nossos desejos a Deus, se Ele já conhece nossas necessidades?”, o bispo de Hipona explica que a oração do *Pai Nosso* exercita e, ao mesmo tempo, regula o desejo:

“Em primeiro lugar, Nosso Senhor suprimiu o palavreado, para não dirigires a Deus muitas palavras, como se quisesses ensinar a Deus com a abundância de palavras. Por isso, quando pedes, é preciso que seja com piedade não com verbosidade. *Na verdade, o vosso Pai sabe o que necessitais, antes de lho pedirdes* (Mt 6,8). Não queirais então falar muito, porque ele sabe o que necessitais. No entanto, não se dê o caso de alguém aqui dizer: “Se Ele sabe o que necessitamos, para que é que dizemos mesmo poucas palavras? Para que é que rezamos? Se Ele próprio sabe, então que nos dê o que Ele sabe que nos é necessário”. Mas Ele quis que rezes, precisamente para dar o necessário ao que o deseja, de modo a não parecer vil o que Ele vier a dar, visto que Ele também insinuou o próprio desejo. Portanto, as palavras que Nosso Senhor Jesus Cristo ensinou na oração são a regra dos desejos. Não te é lícito pedir nada para além do que aí foi escrito” (*Sermão 56, 3. 4*).

Por conseguinte, ao pedir o que desejamos, adestramos e orientamos o desejo (cf. Agostinho, *Sermão 59,5.8*). Ora o desejo mais profundo e radical do nosso ser coincide com a busca da felicidade, ou da vida feliz. Esta, porém, só pode ser saciada com o Sumo Bem que é Deus (cf. Agostinho, *Ep. 130, 16, 30*). Por isso o Hiponense nos aconselha: “pede a vida feliz que todos os homens buscam possuir... que outra coisa deves pedir?” (*Ibid. 9,18*).

Todas as petições que compõem o *Pai Nosso* não são mais do que concretizações deste desejo que nos habita em profundidade. Como lembra repetidamente S. Agostinho, “as palavras que Nosso Senhor Jesus Cristo nos ensinou na *Oração* são o modelo do que devemos desejar” (*Sermão 56,4*). Efetivamente, através desta *Oração*, são ativados tanto o desejo como a receptividade, duplo movimento fundamental no progresso espiritual: “nosso Deus e Senhor quer exercitar com a oração [do *Pai Nosso*]

nosso desejo, e assim prepara a capacidade para recebermos o que nos há de dar”(Ep. 130,17).

Cada uma das súplicas da *Oração do Senhor* é concretização deste exercício de amplificação do desejo.

## **Três desejos: o Nome, o Reino, a Vontade de Deus**

Na célebre *Carta* dirigida *A Proba*, Santo Agostinho sintetiza assim o significado do Pai Nosso, isto é, da oração dos cristãos, esclarecendo a importância e significado das “palavras” ditas:

“Na oração, as palavras servem para nos estimular e nos fazer compreender melhor o que pedimos. Mas não pensemos que essas são necessárias para informar o Senhor ou forçar a sua vontade.

Quando dizemos: ‘*Santificado seja o vosso nome*’, estimulamo-nos a desejar que o nome de Deus, que é sempre santo em Si mesmo, seja também honrado como santo entre os homens, e nunca desprezado; coisa que não é para benefício de Deus, mas dos homens.

Quando dizemos: ‘*Venha o teu Reino*’ – o qual há de vir certamente, queiramos ou não –, excitamos o nosso desejo daquele reino, para que ele de facto venha a nós e mereçamos reinar nele.

Quando dizemos: ‘*Seja feita a vossa vontade, na terra como no céu*’, pedimos a obediência para que se cumpra em nós a sua vontade, como os seus anjos a cumprem no Céu.

Quando dizemos: ‘*O pão nosso de cada dia nos dá hoje*’, com a palavra ‘hoje’ entendemos o tempo presente em que pedimos tudo do que necessitamos significado na palavra ‘pão’; ou ainda o sacramento dos fiéis [Eucaristia] que é necessário nesta vida para alcançar a felicidade, não já deste mundo, mas a eterna.

Quando dizemos: ‘*Perdoa as nossas dívidas como nós perdoamos a nossos devedores*’, tomamos consciência do que pedimos, e do que devemos fazer para merecermos receber o perdão.

Quando dizemos: ‘*Não nos deixes cair em tentação*’, incitamo-nos a pedir que, mesmo quando não vemos a sua ajuda, não caiamos na tentação nem cedamos na aflição.

Quando dizemos: ‘*Livra-nos do Mal*’, recordamo-nos que ainda não estamos naquele sumo bem onde já não é possível sofrer mal algum. E estas últimas palavras da oração do Senhor têm um significado tão amplo, que o cristão, seja qual for a tribulação em que se encontre, pode com elas exprimir os seus gemidos, derramar suas lágrimas, dar início, continuar ou terminar a sua oração.

*Necessitamos* destas palavras para gravar na memória todas estas realidades. Quaisquer outras palavras que possamos usar na oração nada mais dizem para além do que se encontra já na *Oração do Senhor*, se orarmos reta e coerentemente.” (Carta 130,11,21-22).

## **Para saber mais: como oravam os primeiros cristãos?**

É desta “necessidade” que trata o meu mais recente livro intitulado: *A oração dos Cristãos*; com o subtítulo: *O Pai Nosso comentado pelos Padres da Igreja*. São assim chamados os grandes mestres do pensamento Cristão dos primeiros seis séculos da nossa era. Estes Padres da nossa identidade cultural e cristã viram no *Pai Nosso* um resumo do Evangelho e o padrão de toda a vida orante, mas também a regra comportamental para uma nova ética transformadora do mundo. Embora conscientes

de que para orar não são necessárias grandes teorias ou explicar tudo, estes nossos Pais também sabiam bem como a ignorância leva à desvalorização e negligência. Sentiram, por isso, a necessidade de *explicar a Oração do Senhor*, procurando “traduzir” os seus múltiplos significados e implicações para os homens e mulheres de cada tempo. Desta forma, legaram-nos um verdadeiro tesouro, rico de textos e conteúdos que, infelizmente, continuam a ser desconhecidos da maioria dos nossos contemporâneos. Vale, por isso, a pena lembrar como os primeiros cristãos e pastores oravam e entendiam a oração, na esperança de que o seu ensinamento ajude os homens e mulheres de hoje, como ajudou os cristãos do seu tempo e de outros tempos, a rezar melhor, orando *como* e *com* Jesus.

Ao avivarmos e preservarmos a memória de uma tradição orante, que já é, ela própria, património comum, visamos também evidenciar a continuidade e profundidade de uma experiência religiosa que merece, particularmente em nossos dias, ser conhecida e partilhada.

***Isidro Lamelas é padre da Ordem dos Frades Menores (Franciscanos) e professor na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa***

***A Oração dos Cristãos – o Pai Nosso Comentado pelos Padres da Igreja***

Autor: Isidro Lamelas, OFM

Edição: Universidade Católica Editora  
Coleção Teologia e Estudos de Religião  
174 págs., 7,90 euros

[1] AGOSTINHO, *Carta* 130, *A Proba*, 12,22.